

EM TEMPO

SEMANÁRIO NACIONAL

NÚMERO ZERO

NOVEMBRO DE 1977

O vai não vai da política de direitos humanos

Qual é a de Jimmy Carter ao levantar tão alto a bandeira dos direitos humanos?

Em um ano de Jimmy Carter o governo norte-americano ratificou vários tratados internacionais em defesa dos direitos humanos que há anos mofavam à espera do apoio dos Estados Unidos. Além disso, o governo norte-americano puxou o tapete que dava respaldo ideológico e político à maioria das ditaduras da periferia capitalista. Principalmente, o governo de Jimmy Carter falou muito sobre direitos humanos, recompondo a imagem odiosa do imperialismo norte-americano herdada da guerra do Vietnã e das ações de "desestabilização" da CIA, como a que levou à queda e morte de Allende no Chile.

Que condições geraram essa nova política dos Estados Unidos? Uma discussão de suas origens e um balanço de seus resultados na página 2.



Missão Portela, Missão Protela

Em três meses de movimentação espalhafatosa, procurando aqui e ali comprometer diferentes setores da sociedade com um suposto projeto político do governo para o "aperfeiçoamento do regime", a missão Portela continua exatamente como começou: tentando ganhar tempo.

De seus objetivos, o senador Petrônio Portela só conseguiu atingir um, ajudado pela providencial falta de assunto da grande imprensa: o de ocupar o espaço vazio aberto pelo governo através do "pacote de abril", que acabou com as eleições diretas de governadores e de um terço do Senado.

A grande tarefa de Portela é esconder o cenário real onde se desenrola a disputa pelo poder; cenário restrito ao chamado "sistema" onde uns poucos decidem tudo. O presidente do Senado procura dar vida a um processo artificial de ampliação do debate político, através da tentativa de conquistar novos interlocutores, como o presidente da Ordem dos Advogados do Brasil, setores da Igreja e do MDB, entre outros, até aqui marginalizados, apesar de sua manifesta disposição para o diálogo.

A caça de adesões alcançou até mesmo os deputados Freitas Nobre e Marcondes Gadelha, da ala "autêntica" do MDB, considerada farsaica pelo "sistema", e que fo-

ram procurados por Cordeiro de Farias para "dialogar". Mas, nascida de uma proposta de diálogo com figuras previamente selecionadas, a missão Portela excluiu desde logo de seus entendimentos as camadas populares.

Enquanto isso, um lance da luta pela hegemonia entre as facções que compõem o bloco dominante é revelada pela queda do ministro Sílvio Frota, do Exército, que deixou já quase nu e próximo do ridículo o senador e sua missão.

Para encontrar uma saída por cima e acima das forças populares, o governo precisa ainda isolar setores da oposição que propõem soluções nas quais participe mais amplamente a população. Precisa isolar, por exemplo, as manifestações que nascem da reorganização de setores do movimento sindical, como o recente documento dos sindicatos gaúchos e a luta dos metalúrgicos de São Paulo pela reposição salarial. Ou ainda: a campanha pela convocação de uma Assembleia Nacional Constituinte lançada, ainda que timidamente, pelo MDB. A missão Portela é a cortina de fumaça, o espetáculo, a operação diversionista que procura afastar as oposições de qualquer ação mais substantiva. Por isso, a missão Portela oferece aos céticos cada vez mais conversa, mas sempre a mais pura conversa fiada.

UM TESTE OPERÁRIO na luta pela reposição

Nasce um novo semanário nacional de oposição

EDITORIAL

Nosso jornal não surgiu apenas da força de vontade de um grupo de pessoas. É certo que ele é também produto da ousadia, da teima coletiva em não se curvar. Sua existência, porém, encontra uma razão maior em ricos acontecimentos recentes que quebraram o gelo do aparente marasmo no qual estavam submersas a sociedade e suas diversas forças de oposição.

EM TEMPO nasce de uma conjuntura de relativo avanço das forças sociais que estão por baixo, pois o momento do recuo começa a ser superado. Há hoje em todo o país uma sede de manifestação do pensamento, cuja diversidade se sente sufocada no diminuto espaço que lhe é reservado; daí ser necessário romper o casulo e só isto já é o suficiente para justificar o brotar de vários jornais independentes, todos eles uma espécie de tribuna para as vozes reprimidas.

O poder não está imune aos novos ventos, pois o tempo também mudou para os que estão por cima. Tanto que, para prevenir ou remediar, os agenciadores de seguro contra incêndio já expõem à praça um leque de projetos políticos. No fundo do poço, a crise econômica. Como uma bomba de feito retardado, ela põe em xeque a harmonia entre empresários e o governo, tão decantada à época do milagre.

No próprio interior do grupo dirigente as fissuras começam a ser expostas e, na tentativa de garantir a sobrevivência do regime, surgem propostas variadas: uns preferem o endurecimento puro e simples. Outros, mais perspicazes, adotam uma lógica aparentemente dialética: para continuar, há que reformar. Ou seja, admite-se perder os anéis; jamais os dedos. Há ainda os que propõem a

troca da farda pela gravata, como se isto tornasse a pilula mais amena.

Mas a crise não está restrita ao estreito círculo do poder e nem a sua superação é determinada pela vontade daqueles que o compõem. O cansaço com a situação dos últimos 13 anos - e tudo que ela gerou - liberou a expressão de forças vivas, tornando vasto o campo da oposição e trazendo à cena um novo ator: os trabalhadores. Eles não acreditam mais no caráter ilusório da matemática oficial e ameaçam pisar um novo terreno. Opinar sobre política, exigir também a alteração do regime.

Na boca de uma oposição difusa, uma expressão a unificá-la: liberdades democráticas. Muitas vezes ela é apresentada na camisa de força de um simples Estado de Direito. Ou através de projetos que vislumbram a hipótese de uma identidade de interesses entre os trabalhadores e os mesmos empresários que não abrem mão das benesses do arrocho salarial e que até há bem pouco tempo enalteciam o regime.

A palavra democracia já serviu aos mais variados pretextos e em seu nome promoveram-se, por exemplo, vários golpes em "nuestra" América, e muitos dos conspiradores de ontem se fantasiam agora de salvadores da pátria. Se a democracia hoje unifica a oposição, convém buscar algo além da palavra, dar-lhe um conteúdo.

Historicamente a democracia é tão mais real quanto maior for a participação dos trabalhadores no processo político. Não se trata de altruísmo ou romantismo, mas do próprio sucesso das oposições brasileiras mais consequentes. E só é possível quebrar o fundo da garrata onde estão comprimidas as forças oposicionistas se os trabalhadores se colocarem à frente das lutas pelas liberdades democráticas, assumindo o papel de sujeitos da transformação social.

EM TEMPO não pode nem quer substituir os agentes transformadores da nossa realidade. Não representamos os trabalhadores, eles falam pela própria boca. Também não somos portadores de propostas acabadas para a oposição, nem somos seu porta-voz oficial ou de qualquer um de seus setores. Apenas compreendemos que no jornalismo a neutralidade também é um mito, razão pela qual não tememos a definição.

E com o propósito de não se omitir sobre as mais variadas questões da vida do nosso povo que assumimos o compromisso de subsidiar, ao nível da nossa produção jornalística, a articulação das forças oposicionistas. Pretendemos ir mais além: fazer todo o possível para que as nossas idéias contribuam para o predomínio daqueles que através das palavras e dos atos possam conduzir até o fim as lutas pelas liberdades democráticas, dando os passos necessários para a organização independente dos trabalhadores.

Somos uma entidade jornalística de proprietários-trabalhadores, que provavelmente enfrentará no seu dia-a-dia as limitações colocadas para a imprensa independente - desde as de ordem econômica que impedem a expansão de uma imprensa popular, até - as que, por força do arbítrio, dificultam a vida de jornais como o nosso.

Queremos ser um jornal colado ao tempo presente, capaz de alinhavar idéias sobre o futuro. Um jornal sem temas proibidos, sem mitos bem humorados, não dogmático; enfim, que não esconda sequer as suas fragilidades.

Pretendemos sobreviver com o apoio, a colaboração e a crítica dos nossos leitores, e temos a intenção de contribuir para o desenvolvimento da linguagem, pois não se pode renovar o conteúdo e ser conservador na forma. É pretensão demais? Pode ser, mas estamos em tempo de arriscar.



Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo em outubro deste ano: onde antes só apareciam cem ou duzentos operários, agora comparecem alguns milhares. Discutem os índices adulterados da inflação de 1973 e como recuperar o que perderam. Mas os sindicatos estão ainda sem força para contestar os índices de reajuste salarial que o governo continua a decretar de cima para baixo. O que representa a atual mobilização dos trabalhadores? (última página).

A queda de Frota página 2

Conversa de pelego página 2

O sonho não acabou página 3

Michel Frank & Cia. última página

Gerais

Frota e as falsas bandeiras

Ao ser demitido do Ministério do Exército, o general da reserva Sylvio Frota lançou um assombroso manifesto acusando o governo de complacência com o comunismo (imaginem só). Dentro e fora de casa. Dentro, ao tolerar a permanência de 97 comunistas em altos postos da administração pública; fora, ao reconhecer por exemplo o governo do MPLA em Angola ou estabelecer relações com a China Comunista. A demissão de Frota significa então que foi apiada a indústria do anti-comunismo? Ou que foi derrotada a talada "linha-dura", apontada sempre como culpada pelas adversidades da política de "distensão" do governo Geisel?

E bem provável que não seja assim, e que estejamos agora, se depender do governo, mais longe do que nunca do "fim do túnel". Frota foi substituído pelo general Fernando Belfort Bethlem, que apenas um mês

antes denunciou a tese da "volta aos quartéis", defendida por alguns setores intermediários entre seus subordinados, como tentativa de afastamento ou alheamento dos órgãos de segurança como o SNI, CODI-DOI. O general Bethlem, aliás, vem defendendo esse tipo de idéias há muito mais tempo e com muito mais convicção do que o general Frota.

E a questão das falsas bandeiras, que estão embananando todo o mundo nessa fase complicada da crise política brasileira. Empresários pedem democracia; patrões pedem liberdade sindical para operários; antigos coronéis da linha "duríssima" pedem a volta aos quartéis. E Frota é demitido pedindo mais energia contra o comunismo!

O que aconteceu? Apenas uma vitória dos "castelistas" contra seus

opositores. Os "verdes" ganharam dos "amarelos", para usar a expressão desse novo momento "revolucionário democrático" que lançou a bossa de propagar o "castelismo" em fitas cassetes. Criou-se, com a demissão de Frota, a possibilidade concreta de ser imposta uma hegemonia na luta pelo poder. A Unidade será em parte imposta, em parte consensual. Mas resultará no fechamento em torno de alguns pontos e da escolha do sucessor do presidente Geisel. Um dos pontos fundamentais deverá ser exatamente aquele defendido pelo novo ministro: "que não se largue a bandeira empunhada". Sobre isso, não havia divergências. Existia, sim, uma disputa pelo poder, que se simplificou agora, frustrando esperanças dos que achavam que dali viria uma brecha por onde passaria a grande caravana da redemocratização. (B.K.)

Pechincha: pra seu governo

Será que alguém acredita mesmo em combater a inflação através da pechincha? Ou a ARP pensa que a "realidade" que sua campanha impinge aos brasileiros pela televisão é mais real que a que o cidadão sente na pele diariamente? Afinal, quem tentar levar à prática as lições da propaganda vai descobrir rapidamente o engano. Primeiro: os produtos que realmente pesam na alimentação — arroz, feijão, carne, leite etc. — são tabelados pelo próprio governo. Segundo: os supermercados, responsáveis por que representam mais da metade do abastecimento nos grandes centros, também não dão vez a nenhum pechinchador. Resta a tentativa de barganhar com os pequenos comerciantes, que justamente por não sofrerem fiscalização rigorosa, têm sempre uma certa margem de possibilidade de elevar os preços. em resposta à "corrente nacional contra a inflação". Ridículo. O brasileiro pechincha desde que nasce justamente porque já conhece as artimanhas e o "tabelamento relativo" do nosso comércio. Mas se a campanha não funciona na prática, sempre lhe resta um pequeno acesso à consciência da população, sobretudo da classe trabalhadora, que mais sofre com a alta do custo de vida. Algo assim como: "se o país vai mal, meu velho, a culpa é toda sua".



Acontece nas melhores indústrias

Seis meses depois do incêndio que causou a morte de dez operários da Cia. Pernambucana de Borracha Sintética (Coperbo), outro acidente ocorreu na mesma fábrica, dia 28 de setembro, matando oito trabalhadores da empreiteira J.S. Melo Ltda. Segundo a nota oficial da diretoria da empresa, o desastre teria sido causado por um operário das "Refinações de Milho Brasil", que "fumava enquanto pescava num rio próximo às instalações da fábrica". Contraditoriamente, a mesma nota diz que escapamentos de gases altamente inflamáveis expelidos pelos equipamentos da Coperbo também colaboraram para que o incêndio chegasse a grandes proporções. Romildo Leite, delegado Regional do Trabalho, está fazendo o possível para isentar a Coperbo da responsabilidade desses incêndios, que considera "normais e previsíveis". "Os trabalhadores expõem suas vidas até nas melhores indústrias, equipadas com os processos mais modernos". (V.B.)

PARADÃO

DEDO DURO
ou **PROFISSÃO DE FÉ**

"Fui dedo duro e continuo sendo" — desabafo de Costa Cortez, coordenador do Curso de Comunicação da Universidade Federal do Paraná, ex-membro ativo do IPM que processou inúmeros jornalistas de Curitiba em 1964. Sua declaração foi feita na última semana, durante uma palestra na UFP, contradizendo frontalmente outra afirmação sua, na mesma palestra: "Não existe crivo ideológico para entrada na universidade".

DEDO MOLE
ou **PÉROLAS DO PENSAMENTO PELEQUISTA**

"No Brasil há o direito de greve, já devidamente regularizado. Mas o choque direito com os patrões é doloroso para ambas as partes e deve ser evitado a todo custo. Se um operário já tem prejuízos quando fica dois dias sem trabalhar, imagine o que perde uma empresa com

Linha auxiliar da polícia

Lamentável o comportamento da imprensa baiana no episódio que envolveu o assassinato, pela polícia, de Antônio Paulo dos Santos, o Paulo "Hippie". Em nenhum momento os diários locais se preocuparam em encontrar a própria versão, limitando-se a fabricar, de graça, "press-releases" para a Secretaria de Segurança Pública. Isso depois de uma campanha "preparando a opinião pública" para o fuzilamento de Paulo (um jovem de cerca de 20 anos), onde o apresentavam como perigoso bandido, "capaz de furar os bloqueios policiais". E quando Paulo foi morto, não questionaram se realmente havia resistido à prisão, como a polícia divulgou. Os populares do bairro de São Caetano, onde "ocorreu o acidente", insistiram em dizer que o revólver de Paulo permaneceu na sacola que carregava e que, portanto, o rapaz foi assassinado a frio. (J.S.)

Secundarista não pode

Uma Assembléia Geral dos Estudantes do Colégio Pio XII de Porto Alegre, em que o grupo vencedor das eleições para a direção do Grêmio apresentou os novos estatutos ao Conselho dos Alunos, foi motivo suficiente para que a diretoria do colégio fechasse a entidade. Antes disso, o diretor Celso Dalbem procurou impedir a Assembléia por outros meios: os cartazes de convocação foram arrancados, os alunos ameaçados de suspensão e até de expulsão pelos funcionários e depois por agentes de Segurança da Secretaria de Educação e Cultura. Mesmo assim, a Assembléia foi confirmada pelo Grêmio e mais de 200 alunos foram à reunião da tarde. À noite, Dalbem apelou para recursos mais eficazes: suspendeu as aulas e pediu à Brigada Militar que cercasse a escola, impedindo a entrada de alunos.

EM TEMPO

CONSELHO EDITORIAL E ADMINISTRATIVO: Aluisio Marques, Alvaro Caldas, Antônio Carlos Carvalho, Antônio de Pádua Prado Jr., Bernardo Kucinski, Fausto Brito, Gilseone Coszena, João Batista Mares Guia, Jorge Baptista, Maria Moraes, Maria Rita Kehi, Raul Anglada Pont, Robinson Ayres, Ronaldo Mota, Tibério Canuto.

DIRETORES: Antônio de Pádua Prado Jr., Bernardo Kucinski, Jorge Baptista, Robinson Ayres, Tibério Canuto.

EDITORES: José Arrabal, Maria Rita Kehi, Sérgio Mateus (Cultura), Tibério Canuto (Nacional), Carlos Tiburcio (Internacional).

Planejamento Gráfico: Carlos Seabra, João Bosco L. Brandão, José Ramos Neto, Nelson Cordêla.

Redator-Chefe: Bernardo Kucinski.

SUCURSALIS — Brasília: Luiz Gonzaga Motta, Marco Antônio, Paulo Fona. **Rio de Janeiro:** Adauto Novais, Antônio José Mendes, Bernardo Karan, Cláudio Câmara, Marcelo Beraba, Margarida Autran, Maria Helena Malta. **Recife:** Orlando Mindelo, Paulo Magalhães, Sérgio de Souza, Virginia Botelho. **Porto Alegre:** Belo Rodrigues, Dilma Vana, Letânia Menezes, Luci Ayala, Silvio Nogueira Jr. **Belo Horizonte:** Alberto Carlos Duarte, Fernando Miranda, Flaminio Fantini, Lélis Santos. **Curitiba:** Elza Domakolk, Paulo Sá Brito, Reinoldo Atem, Sueli Muniz. **Salvador:** Ademir Oliveira, João Henrique, Linalva Maria, Oldack Miranda.

EM TEMPO — n.º 0 — publicação de BAGAÇO EDITORA, PROMOCÕES E PUBLICIDADE LTDA. Av. Rui Barbosa, 762. Térreo. Brilho, Rio de Janeiro.

Composto e impresso nas oficinas da PAT — Publicações e Assistência Técnica Ltda. Rua Dr. Virgílio de Carvalho Pinto, 412 - Pinheiros - Tel. 853-7461.

alguns dias de greve?... A dependência do Ministério do Trabalho é uma conquista do trabalhador; sem ela, os operários ficarão órfãos de pai e mãe". (Silvio Diniz Garcia, inventor do Sindicato dos Estivadores de Santos.)

"O Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo é dirigido dentro de uma ótica empresarial". (Joaquim Andrade, presidente do mesmo sindicato).

"Como líder sindical que sou, devo permanecer neutro. Apoio o Governo no que for preciso e prefiro não discutir política". "Não é necessário nenhuma alteração na estrutura sindical: o que está aí está bom". "Depois de 1964, o panorama sindical mudou muito, e para melhor". "Não tenho nada a dizer da política salarial. Não tenho restrições a fazer, pois não conheci período tão satisfatório quanto este. Antigamente os empregados, para conseguir aumento, tinham que fazer greves. Hoje já não é mais necessário". "O nosso sistema assistencial é invejado em toda a América do Sul". (Otávio Ferreira — Presidente do Sindicato dos Trabalhadores de Fiação e Tecelagem de Recife.)

"A maior reivindicação dos trabalhadores já está prevista na CLT, quando lá diz que os sindicatos são órgãos de colaboração com o poder público. A maior reivindicação é esta: aumentar a colaboração com poder público de parte a parte". (Ary Campista, Presidente da Confederação Nacional dos Trabalhadores.)

Amaciando o porrete

Não está nada fácil para Jimmy Carter manter sua política de direitos humanos na América Latina e ao mesmo tempo evitar suas conseqüências naturais — menos lucros para as grandes empresas americanas.

Antes da eleição de Jimmy Carter, o general Augusto Pinochet previu que o regime militar chileno duraria até o próximo milênio. Pretensão semelhante à de quase todos os governos da América Latina, em sua grande maioria produto de golpes militares apoiados direta ou indiretamente pelos Estados Unidos. Apoio material e também político e ideológico: legitimava-se a utilização de quaisquer meios — entre os quais a sistemática violação dos direitos humanos — em nome do combate ao "avanço do comunismo internacional". Em duas palavras: "segurança e desenvolvimento" — a qualquer preço.

Um ano depois da eleição de Jimmy Carter, nada mudou radicalmente na América Latina. Mas os discursos dos governantes tropicais já não parecem os mesmos: "Convergência cívico militar", "normalização constitucional" — eis algumas das novas expressões dos "donos do poder".



E já se foi um pouco além das expressões, recentemente o Subsecretário de Estado para Assuntos Interamericanos, Terence Todman, lembrou que "dos 15 países latino-americanos e das Antilhas que atualmente são governados pelas Forças Armadas, ou sob sua égide, pelo me-

nos sete já prometeram realizar eleições e devolver o poder aos civis". Entre eles, Chile, Bolívia, Uruguai, Equador e Peru.

Uma das razões para tal mudança de perspectiva está na presença constante de emissários da administração Carter na América Latina. Essas visitas têm cumprido, seletivamente, um programa de apoio ou de crítica aos governos do continente. O caso da Venezuela é um bom exemplo: em 1978, completará 20 anos de regime democrático sem "interrupções", motivo pelo qual o governo norte-americano tem privilegiado esse país como "líder da América Latina". A ida de Carlos Andrés Pérez a Washington, em julho, e o tratamento que recebeu de Carter não deixaram de provocar uma ponta de inveja nos outros governantes latino-americanos. Neste ano, já passaram pelo continente a mulher de Carter, Rosalynn; o Secretário de Estado, Cyrus Vance (esteve em Granada para a reunião da OEA); Terence Todman; o Embaixador dos Estados Unidos na ONU, Andrew Young, e a Coordenadora de Direitos Humanos do Departamento de Estado, Patricia Derian.

Mais ainda: durante o primeiro ano da eleição de Carter, acordos internacionais sobre direitos humanos, alguns com força de lei, foram retirados das gavetas onde mojavam há quase dez anos e ratificados não só pelos Estados Unidos como também por vários países latino-americanos. E o caso, por exemplo, da Convenção Americana de Direitos Humanos, aprovada na Costa Rica, em 1969, e somente agora firmada pelos Estados Unidos, Jamaica, Honduras e outros. Duas outras convenções internacionais — sobre direito civil e políticos, e sobre direitos econômicos, sociais e culturais — redigidas e aprovadas em 1966, foram assinadas por Carter e Andrew Young no dia 5 de outubro deste ano. Ambas têm força de lei e significam particularizações concretas da Declaração Universal de Direitos do Homem.

A cartada de Jimmy Carter

Seria Carter um homem dotado de tanta vontade e formação que derrubaria todas as ditaduras, transformando o mundo num paraíso democrático e liberal? Ou representaria apenas nova embalagem multicolorida para a venda de um velho e desgastado produto: "a polícia do mundo ocidental"? Afinal, que condições geraram o atual presidente dos Estados Unidos e a que se propõe a nova política externa norte-americana?

Para um país acostumado a resolver à "porretada" os problemas que ameaçam o bloco que lidera, o desempenho dos Estados Unidos não tem sido um modelo de eficiência nos últimos anos. Perderam política e militarmente a guerra do Vietnã; pouco conseguiram fazer para impedir a vitória do socialismo nos recém-libertados países da África; e assistiram, perplexos, o fim dos regimes ditatoriais de Portugal, Grécia e Espanha, bem como o crescimento de partidos operários em quase toda a Europa, especialmente na Itália e na França.

Além disso, no conflito fundamental, que chora o Ocidente com os países do Leste, os técnicos do Pentágono perderam o sono ao perceberem que desapareceu a possibilidade de uma solução final militar, que derrotasse os países que experimentam a construção do socialismo. Ficou superada, assim, a estratégia que deu origem à guerra fria.

CRISE INTERNA

A decadência externa correspondeu também uma evidente degenerescência interna. Isto é, ocorreu também uma grande crise moral, aberta pelo desgaste da política intervencionista e pelo flagrante cinismo e corrupção das elites norte-americanas. A intensificação da luta pelos direitos civis e pela ampliação dos benefícios sociais revelou que uma potente bomba poderia detonar sob as estruturas que sustentam o pilar do chamado "mundo livre".

Jimmy Carter é produto desta situação. Representa, assim, uma desesperada tentativa de reagir à crise econômica, política e ideológica que está minando o capitalismo internacional. A fraseologia e as atitudes do presidente norte-americano e dos seus principais porta-vozes estão determinadas, portanto, por razões que ultrapassam de longe as caracte-

ísticas individuais de cada um deles. Em suma: são razões superiores à mera vontade ou à propalada formação cristã e liberal de Jimmy Carter.

NOVA ESTRATÉGICA?

É necessário procurar uma nova coesão política e ideológica para os países capitalistas e buscar a construção de uma nova estratégia que permita ao imperialismo barrar o avanço do socialismo. É a missão para a qual Jimmy Carter foi chamado. Para cumpri-la, uma das tarefas imediatas é a de "limpar o quintal" do sistema, procurando, onde for possível, corrigir os absurdos mais evidentes — como a violação aberta e desenfreada dos direitos humanos — que tornam insustentável a defesa política e ideológica do capitalismo perante a alternativa socialista. É quando Washington começa a "puxar o tapete" que respalda os regimes militares bem instalados na periferia do "mundo livre". Trata-se da preparação do terreno para a tentativa de construção de uma nova estratégia.

Há limites para essa nova tentativa. Os setores internos comprometidos com a política "da porretada" e os interesses e compromissos econômicos e militares dos Estados Unidos em muitas áreas-chaves do mundo. Na Coreia do Sul, por exemplo. E, sobretudo, há o risco: o tiro pode sair pela culatra.

Evidentemente, os Estados Unidos não podem derrubar, por sua vontade, as ditaduras da periferia do capitalismo. Seria acreditar que elas foram implantadas pela CIA, de fora para dentro, em cada um desses países. Mas a preparação da nova estratégia norte-americana tem enraquecido, até agora, os regimes militares. Cabe às forças empenhadas em sua substituição levar em conta este fato.

CUBA E BABY DOC

Nem Cuba, esta ilha de socialismo bloqueada econômica, política e ideologicamente pelos Estados Unidos e seus aliados desde 1962, conseguiu escapar de algumas alterações significativas provocadas pelo primeiro ano de governo Carter. Se o bloqueio não quebrou, pelo menos



está rachado: hoje em dia turistas norte-americanos passeiam normalmente pelas ruas da capital cubana; comissões de empresários têm visitado várias vezes a ilha para "sondar o mercado"; e já foram abertos "escritórios de interesse a nível consular", simultaneamente em Washington e Havana. Claro que Fidel Castro libertou alguns prisioneiros norte-americanos em Cuba e tem sido "moderado" em suas declarações, inclusive elogiando Carter.

Há décadas o Haiti é citado como exemplo de uma das ditaduras mais sanguinárias do mundo. A polícia política do país — "Tontons Macoutes" — é conhecida por quase não manter prisioneiros: ela assassina-os. O atual presidente vitalício do país é Jean-Claude Duvalier, o "Baby Doc". Este ano, ele concedeu anistia geral a 104 presos políticos, 11 dos quais tiveram que deixar o país. "Baby" alegou que estava comemorando o 20º aniversário da tomada do poder pelo seu pai, François Duvalier, o "Papa Doc". Na verdade, a anistia foi decorrência de promessa feita a Andrew Young, quando o embaixador dos Estados Unidos na ONU visitou o Haiti, em julho. A importância apenas relativa da anistia foi comentada por um exilado haitiano, o professor Gerard Pierre Charles, para quem "centenas de prisioneiros políticos ainda permanecem nas prisões do país".

AS DUAS ALAS

Os fatos indicam que existem problemas quanto à unidade de ação do governo Carter no que se relaciona com a política de defesa dos direitos humanos. Dentro do Departamento de Estado, por exemplo, existem pelo menos duas alas — a mais comprometida com a defesa dos direitos humanos e a mais conservadora. Todman e o seu suplente, William Luers, compõem a ala mais conservadora; o Vice-Secretário de Estado, Warren Christopher; o ex-assessor do senador Edward Kennedy, Mark Schneider; e a Coordenadora de Direitos Humanos do Departamento de Estado, Patricia Derian, da qual Schneider é o atual braço direito, estariam entre os mais combativos.

Outro sintoma é a recente decisão do governo Carter de "mudar a postura" quanto à defesa dos direitos humanos, mas "mantendo a defesa". Trata-se de evitar tanta publicidade em torno das críticas norte-americanas aos violadores contumazes dos direitos humanos, segundo funcionários do Departamento de Estado, substituindo a prática quase sempre aberta que caracterizou até agora a atuação dos Estados Unidos nesse sentido, por uma "política mais velada e diplomática".

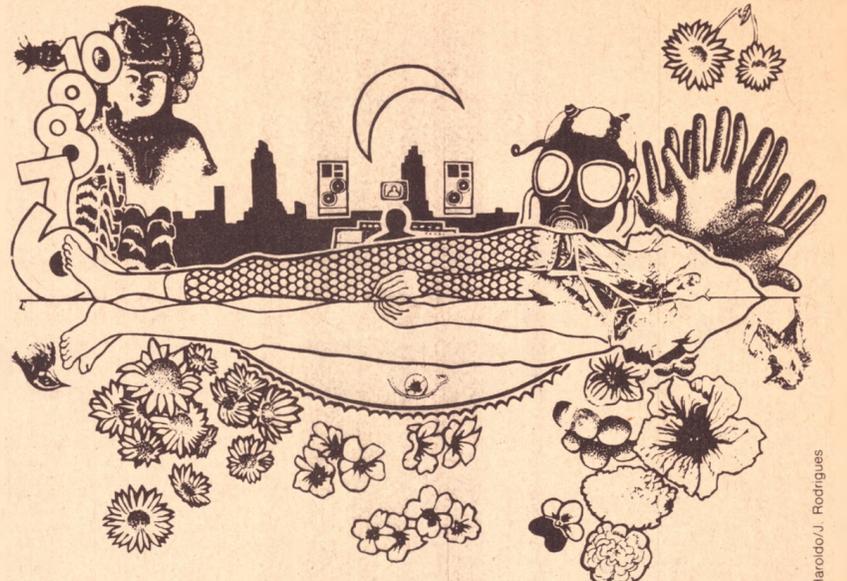
Ainda é cedo para saber quem sairá ganhando com a nova "postura": aumentarão as pressões ou iniciou-se o recuo?



leia o jornal **BAGAÇO**

...retomar o conceito de cultura, que ultrapassa necessariamente os tradicionais elementos que formam/conformam o comportamento social: ideologia e alienação.

Nós, o sonho



Haroldo J. Rodrigues

"Mas não, mas não, que o sonho é meu e eu sonho que... deve ter alamedas verdes/ a cidade dos meus amores e quem dera os moradores/ o prefeito e os varredores/ e os guardas e os insetores... fossem somente crianças". (Os saltimbancos)
 "E foi pesado o sonho pra" quem não sonhou". (Gil).

"Somos feitos da matéria de que são feitos os sonhos" (Shakespeare). Esse mágico poder de fantasiar, simbolizar o mundo - talvez seja o que nos define: estranha "matéria" da nossa existência. Isso é o sonho? Pode ser; mas há muitas maneiras de se sonhar.

Sonhar pode ser um jeito de suprir, mesmo na imaginação, a falta daquilo que se deseja muito mas não se tem. O "sonho de olhos abertos": quem escapa dele? "Os bóias-frias, quando tomam umas birita espantando a tristeza, sonham com bife a cavalo, batata frita..." (João Bosco/Aldir Blanc). Mesmo quem não se frustra pelo estômago sofre de outras carências. E busca viver mais além da própria vida, quando a vida é um pobre correr-do-tempo sem prazer, sem brechas, sem perspectivas.

"Moro numa vila de subúrbio e possuo um grande sonho. Sou jovem e não posso afastar a idéia de ser uma atriz de novela de qualquer canal de TV. R - Amália, você realmente possui um sonho, como cada um de nós tem direito de descobrir, realizando-o como pode". (Secção de cartas da revista *Amiga*).

Recurso de quem se vê só num sistema que ao mesmo tempo aliena e isola, o sonho é individual. "Sonho que se sonha só é só um sonho que se sonha só; mas o sonho que se sonha junto é realidade". (Raul Seixas). O individualismo é a alternativa capitalista para as angústias da alienação capitalista. Ou seja: é a não-alternativa. O "sonho-que-se-sonha junto" não vale para esse sistema, já que é uma perspectiva de luta concreta, coletiva, fundada em contradições reais e palpáveis. Não serve à ideologia do sonho. A menos que se transforme - e disso Raul Seixas não se lembrou na histeria alucinatória das grandes massas do fascismo...

Resta, aos que sofrem essas tais contradições, o sonho-consolação. "Eu só queria ter direito de sonhar com meu quinhão de felicidade; será

que não mereço ao menos este sonho com meu quinhão de felicidade; será que não mereço ao menos este sonho?" implora, quase conformada, a infeliz personagem (subempregada, mãe solteira etc.) do programa "A vida é assim", da Rádio São Paulo. Ela tem "direito", sim. E muita colaboração para sonhar. "A felicidade vai bater à sua porta; espere". "Pense no futuro como uma forma de vida" - incentivam os arautos da astrologia. Ela tem direito a este sonho conformado, passivo: "vivo sonhando sonhando mil horas sem fim/ tempo em que vou perguntando se gostas de mim" (Tom Jobim): apaziguador de angústias e desejo. Promessa que substitui o amor e o prazer - difíceis conquistadas num mundo apavorado e autoritário! - pela contemplação masturbatória do objeto de amor: "Eu preciso encontrar alguém sempre meu/ de olhar como o teu que me faça sonhar". (Jair Amorim)

"Tudo podes desejar que teu será"

Se parece às vezes impossível resistir - principalmente se estando isolado - a situações de opressão, é sempre possível "entar desacreditá-las". "Acorda, amor/ eu tive um pesadelo agora/sonhei que tinha gente lá fora/ batendo no portão" (Julinho da Adelaide). "Não pode ser. Isso aqui é um pesadelo" grita o torcedor desesperado quando o Brasil perdeu a Copa de 50 nos últimos minutos do jogo contra o Uruguai. A contrapartida dessa incapacidade de encarar a dor e resistir é que também a alegria precisa ser traduzida na linguagem da alucinação, quando não se é livre para viver o gozo plenamente. "Acho que estamos no mundo dos sonhos; ainda não despertei!", exclama um corintiano extasiado, na conquista do campeonato paulista.

Quem tem qualquer expectativa em relação ao futuro, não escapa: "tem um sonho". E não ter sonhos, para a ideologia do sonhador, é feio, é triste; é amargo. Pois não ter sonhos é sinônimo - como se realmente fosse - de não querer. Não lutar. O sonho é a linguagem em que aprendemos a falar de nossas vontades e do amor pela vida. "Trabalhei trinta anos como funcionária pública e não tenho aspirações pra mais nada. Gostaria de viajar, mas..." (Funcionária aposentada, 50 anos). "Gostaria que resolvessem os problemas dos velhos, das crianças abandonadas". (Secretaria de colégio - 53 anos). "Eu queria derrubar o governo, casar com o prefeito de uma cidade do interior e conhecer Paris" (Estudante, 21 anos).

O sonho se transforma assim em expectativa de realização plena, tão idealizada que não há caminho para se chegar a ela. "Sonhar mas um sonho impossível" (Tema de o *Homem de La Mancha*), diz a canção, admitindo "a priori" a inviabilidade da ação do mesmo sonhador que ela exalta. O dia do sonho é sempre o dia do futuro. Futuro ideal adiado, que não decorre, por ação dos homens, das condições do presente: - "Um dia que vem vindo e que eu vivo pra cantar/ na avenida girando o estandarte na mão pra anunciar". (Geraldo Vandré). Não há ação que faça "chegar esse dia" a não ser a ação de anunciá-lo; e o sonhador, mesmo glorificado, se fecha num círculo de imobilidade.

É imaginário, também, o lugar do sonho. "Mas ela assim mesmo diz que tudo vai mudar/ pois ela vai ser o que quis inventando um lugar"... Caetano não se impressiona muito com as "besteiras de menina" da Tigresa, que deve ter assistido a muita Disneylândia em criança. Começava assim: "No infinito azul do céu tudo pode acontecer/ tudo podes desejar, que teu será". Tudo tão inacessível quanto o infinito.

E o sonhador, figura querida e romântica, alegria de todos, é ao mes-

mo tempo ridículo. "Em um lugarejo da Mancha (...) vivia há muito tempo um fidalgo como ainda há muitos na Espanha; só sonhava com lutas e combates singulares, com espadas e lanças (...) e de tal modo se familiarizava com tais disparates que para ele tinham adquirido força de pura verdade." (Miguel de Cervantes) Uma figura patética. Como José de Menezes, paulista, 18 anos, negro, cobrador de ônibus, primário incompleto, e notícia no *Jornal da Tarde* (SP): "Poderia ele ser um dos herdeiros da coroa britânica e seu verdadeiro nome ser Johnson Wilhel Helstens Jr? Até sábado, acreditava firmemente que sim, quando foi preso por estelionato e soube que na verdade havia caído no conto da herança".

Qualquer projeto que se encara como sonho, qualquer luta que se lança para um tempo de abstrações, se torna inofensivo. Sonhar "não faz mal a ninguém". Mas também não faz nada. "Um sonho em si mesmo é apenas uma sombra", proclama Hamlet. E na peça *Os Imigrantes*, do grupo *Núcleo* de teatro, o principal personagem, operário italiano imigrado para o Brasil, sonha. "É preciso fazê-lo sonhar, só sonhar, sonhar sozinho" - diz o narrador da peça - "desde que seus sonhos sejam preparados por alguém que sonha que tudo fique como está".

"O futuro já começou"

"A juventude é assim mesmo, idealista, sonhadora; por que não permitir que estes jovens se manifestem?" apelam, paternalistas, os paulogédios da vida, tentando esvaziar a importância política das manifestações estudantis.

Mas o sonho está entranhado em todos. "Todo mundo tem um sonho; até as pessoas de esquerda", (ED, 45 anos, jurista). Sonhamos todos, inevitavelmente. No mínimo, por viver numa sociedade em que o homem se

fragmenta no trabalho, se burocratiza no amor, se apequena em sua solidão.

Mas também é fato que a tentativa de entender nossas fantasias é uma forma de conhecimento, de desalienação. "Quando existe um contato entre o sonho e a vida, tudo vai bem" (Lenin). "Eu tenho uma fantasia que procuro compreender, e paro muitas vezes para pensar nela. É de que eu possa ter uma cabeça poderosíssima, que entenda tudo, que domine todas as situações". (F.L. psiquiatra).

Compreender é o caminho de volta à realidade. Conhecer o conteúdo e o porquê de nossos sonhos. Já que eles continuam sendo cosidos por máquinas automatizadas ou por rudimentares costureiras que tecem o instrumental e os discursos que vestem os sonhos. Toda uma indústria cultural que vive de transformar exigências em sonhos em nome da manutenção de uma situação. Transformar o sucesso de uma minoria dominante na idéia da realização do sonho de todos: "todos os nossos sonhos serão verdades, o futuro já começou" foi o slogan de Natal da Rede Globo desde o "milagroso" ano de 1970. A fábrica de vender sonhos também sabe usar o sonho para vender as outras coisas que produz. "Esta aliança de diamantes. Ela diz o quanto aqueles sonhos de ontem são hoje parte de nós dois". (Propaganda de jóias Arrigoni - Masson). Como se todas as faixas da sociedade aspirassem às mesmas coisas. A farsa é possível já que o sonho, sendo abstrato e vago, anula as diferenças de classe. Trabalhadores e proprietários, todos almejam nebulosamente aquele "mundo melhor". Ideal ambíguo demais que a burguesia se encarrega de traduzir nos seus termos, falando em nome de "todo o povo" justificando com idéias e valores sua dominação.

O sonho está entranhado em todos nós, já que é muito mais difícil a batalha diária por transformações concretas, geralmente pequenas se tomadas isoladamente e (por isso mesmo) "prosaicas", sem fogos de arti-

cio estourando, sem hinos de triunfo ao fundo. E nós fomos criados para futuros heróis de vitórias muito mais gloriosas. O cinema não nos ensinava assim? "Botei na cinta dois revólveres que atiram/sem que eu precise nem ao menos me coçar, assobie para um cavalo que passava/ e com o bandido mascarado eu fui lutar" (Moreira da Silva). Fomos criados para ser, individualmente, figuras de projeção. "Depois que entrei para a Universidade, não houve um só dia em que eu não tivesse esperado e me preparado para ser presidente" (Woodrow Wilson, ex-presidente dos Estados Unidos). De vez em quando um sonhador como este "dá certo" e então o sistema toca a alardeá-lo a fim de manter viva a chama de milhões de outros. "Pelé, veja o Pelé. Não deu certo?" (P.R., técnico de contabilidade.)

"Quería sonhar um homem"

Fomos alimentados também muito mais pela fé obstinada do que pela consciência clara da realidade a nossa volta. "O Senhor é meu pastor, nada me faltará". Canta o Salmo. "Quería sonhar um homem; queria sonhá-lo com integridade minuciosa e impo-lo à realidade" (Jorge Luis Borges). "É preciso sonhar. Desde que se leve até ao fim a realização dos sonhos. Eu sonho com a transformação da realidade presente em uma nova sociedade. E isso é um sonho só porque não está acontecendo agora" (S.A., estudante, 21 anos). Não perceber que a transformação não é sonho **mas faz parte do cotidiano**, e que as coisas "estão acontecendo agora, de fato", é um sintoma da vitória maior da ideologia do sonho, e seu eterno adiatar do presente em busca de situações ideais. "Falarm tanto de uma nova era/ quase se esquecem do eterno é..." (G.Gil).

... "não esperar inclui misteriosas certezas" (G.Rosa).

O buraco é mais embaixo

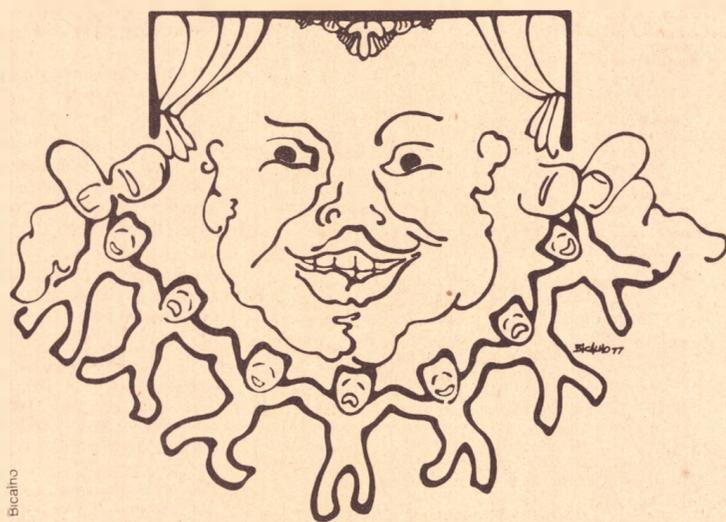
"Um projeto crítico (cultural) para ser consequente não pode ser feito no peito e na raça. A bocarra do sistema engole e recupera as pretensões ideológicas".

"Talvez nem sequer se possa dizer... que se luta por um novo conteúdo da arte, já que não pode ser pensado abstratamente, separado da forma... Deve-se falar de luta por uma nova cultura, isto é, por uma nova vida moral, que não pode deixar de ser intimamente ligada a uma nova intuição de vida, que chegue a se tornar um novo modo de sentir e de ver a realidade e, conseqüentemente, um mundo intimamente ligado com os artistas possíveis e as obras de arte possíveis" (Antonio Gramsci)

Numa terra em que ainda se crê no mito trágico das burguesias progressistas ou se admite a viabilidade idealista de uma transformação social intensa por meio de uma tarefa nacional, o âmbito cultural há mesmo que se atolar em oportunismos e moralismos, como respostas à política oficial de produção de artes. Isso no momento em que uma crítica contundente à situação política-econômica, em termos de expressão de massa, está relativamente atrasada.

É preciso desvelar a realidade, pois o buraco é mais embaixo. No mundo das artes, se os heróis ainda nos enganam, é tempo de nos convencermos de que briga de bandido e mocinho é tática de Hollywood. Pois que um projeto crítico para ser consequente não pode mais ser feito no peito e na raça. A bocarra do sistema engole e recupera as pretensões ideológicas.

O já tradicional projeto por uma cultura nacional-popular, o esforço atlético por uma cultura de resistência à "invasão estrangeira", o ideário economicista por uma cultura nacional e o paternalismo estreito por uma cultura popular saíram da boca da oposição e foram para os gabinetes do MEC, compondo o Plano Nacional de Cultura. Falácio ou não, está tudo lá! E o que escapou viaja hoje, semana sim, semana não, malas elegantes, rumo a Bonn, via Lisboa, na pretensão de nos tornarmos mesmo um imenso Portu-



Bicalho

gal, submetidos a outro império colonial, no tempo dos acordos nucleares e das crises internas do Imperialismo.

A produção de artes tornou-se um significativo setor de acumulação do capital, sob o patrocínio do Estado. E o capital nos apanha das maneiras mais diversas. Por isso, será tolice moralista nos limitarmos a esbravejar como heróis do povo, contra aqueles que foram cooptados. O problema não é pessoal, sequer ético. É estrutural. E nos termos da estrutura global: grande, média e pequena empresa. A produção de discos, de filmes, de livros, o circuito das artes plásticas e a produção de teatro.

Os que não enxergam bem essa coisa e aqueles que querem mascarar-la procuram

torcer o âmbito da luta cultural, numa luta política de fachada, de posturas heróicas, de pessoas legais que "aproveitando as brechas" dizem estar fazendo dum diabo, dois. Dizem politizar o público com "o que é permitido", se esquecendo do processo de politização interno, politização do trabalhador da própria arte. E deste, exigem apenas trabalho, mão-de-obra, em favor da "causa"; como se a causa política mais imediata não fosse a dele, enquanto trabalhador, consideradas as especialidades.

O abismo que distingue artistas dos interesses do empresário das artes, espaço de interesses particulares e diversos, é mascarado com a idéia de que estamos no mesmo

barco, ainda que uns estejam capitaneando a embarcação e outros, mal alojados em seus porões. E a exploração do trabalho somada às polpudas subvenções estatais tornam-se investimento e lucro. Mas nas associações profissionais ou entidades de representação, artistas e empresários se congregam e se confundem, mascarados no "interesse comum". Quando se sabe que as contradições entre a grande, a média e a pequena empresa não lhes tiram o seu caráter principal: o de serem empresas.

E nesse palco de ilusões, uns e outros se juntam para salvar a "dignidade cultural". A organização do trabalho se perde nos meandros dos conchavos e das consciências individualizadas em tarefas imediatas. E a crítica à política oficial de cultura vira festa e não se compõe na defesa dos interesses coletivos dos trabalhadores-artistas.

A produção crítica de artes se insere no âmbito da luta por novas mentalidades, por novos valores, novas formas de expressão e associação - no âmbito da luta ideológica. Não é mero propagandear de palavras de ordem conteúdo e procedimentos polivalentes. Pois o que se refere a questões políticas é o circuito em que se inscreve essa produção de arte, o movimento artístico, seus modos de relação com o público. Ou é um programa de lazer, uma caminhada consumista, um jogo entre a oferta e a procura, entre a bilheteria e o aplauso. Ou é uma relação crítica, transformadora, a começar por um processo de organização independente dos artistas que lhes permita transformar, com a prática, as relações de produção a que estão submetidos.

Enxergar mais longe e com mais profundidade não faz mal ao interessado, principalmente quando tem um mascarado abismo diante dos olhos: as relações e os interesses diversos, no setor da produção de artes.

Augusto Rocha, Claudio Camargo, José Arrabal Nilo Sergio, Sérgio Mateus

CURTO CIRCUITO

Benefícios

Benefício 1.
- o 477 é um decreto/ que beneficia o estudante/ porque o liberta/ da Lei de Segurança Nacional, muito mais rígida.

Benefício 2.
- mas acho que o aluno deve fazer política/ fora da Universidade/ por que trazer para cá/ agitação, confusão, problemas gerais? Isso eles devem fazer na rua/ foi sábia a proibição de discutir política nos centros estudantis.

Benefício 3.
- foi o que eu combinei com a polícia/ naquele dia Nacional de Luta/ Eles (a polícia) vieram me dizer/ que o trânsito não poderia ser perturbado. Então eu prometi/ que os estudantes ficariam só aqui dentro e não houve problemas.

Benefício 4.
- esses guris do direito que foram suspensos quinze dias tiveram sorte. O S. (diretor da faculdade de direito) me procurou aflito/ e teve uma saída boa com a suspensão/ o que eles tinham escrito nos cartões era ofensivo/ ninguém pode provar que a autoria era deles mesmos? Olha, dois confessaram/ e às vezes a gente tem que fazer uma arbitrariedadezinha pra evitar problemas mais sérios.

Benefício 5.
- eu não gostaria de aplicar até disse pra turma do DCE, do DAU "façam o possível/ para que eu não tenha que aplicar", sim, porque se o reitor não aplica aplicam nele.

montagem de Flávio Aguiar baseada em declarações variadas do reitor da Universidade do Rio Grande do Sul, publicadas no COOJORNAL, set. 77 - n.º 20, pag. 29.

"De uma vez por todas, a classe trabalhadora tem que acordar. Ela já foi muito sacrificada, já se deu demais e o momento é de começar a receber".

Reposição: "A luta já pegou no breu"

Talvez a razão esteja com Luis Inácio, o "Lula", presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo e Diadema: "A classe trabalhadora está mais ou menos como o Corinthians, precisando de um título, de uma conquista, pô!" Se bem que a luta pela reposição salarial seja algo mais sério do que o campeonato paulista, a verdade é que ela agitou o meio operário. As antigas e monótonas assembleias operárias ganharam calor e passaram a ter um sentido além da mera formalidade do ritual das campanhas salariais.

Ainda não se sabe por quê o Banco Mundial divulgou, este ano, que a

taxa de inflação do Brasil no período 1973-1974 foi bem superior à apresentada pelo Governo, provocando uma redução de 18 a 34 por cento nos salários dos trabalhadores. Também é desconhecido o motivo que levou o Governo a reconhecer seu erro. Alguns, com uma ponta de malícia, atribuem as revelações à tentativa de queimar o ex-ministro Delfim Neto no jogo da sucessão do governo paulista.

De qualquer forma, a revelação do "segredo de Estado" serviu para que o copo transbordasse. Imediatamente os trabalhadores passaram a mobilizar-se. Surgiu na imprensa uma "nova questão": a questão ope-

rária, como se ela não existisse há mais tempo. Ainda está para ser contada a história dos trabalhadores sob os anos áureos do "milagre econômico". Como reagiram social e psicologicamente à compressão de seus salários e à ausência de canais reivindicatórios efetivos? Só se sabe que este ano iniciaram a luta pela reposição, explodindo um longo período de silêncio. Tal mobilização começa a levantar o véu dessa história ainda não contada. Mas algumas pistas podem ser dadas:

De uma vez por todas, a classe trabalhadora tem que acordar. Ela já foi muito sacrificada, já se deu demais e o momento é de começar a

receber. Quer dizer, os trabalhadores sempre deveriam ter recebido, mas por força das circunstâncias nunca receberam", diz "Lula", o metalúrgico que está presente em todos os jornais e revistas de circulação nacional. Parece ter sido esta sensação - de sempre ter dado sem nada receber - a responsável pelo sentimento de logro que hoje levanta os operários:

"Não é de agora que entramos com o pedido do que perdemos. Acontece que, desta vez, o Governo reconheceu o erro. Antes nós tínhamos certeza de que os dados não eram verdadeiros, mas não possuíamos nenhuma prova. Hoje temos a

palavra oficial do Governo. Por isso, mostramos aos trabalhadores o quanto abusaram deles". O resultado, todos já conhecem: "Nós usamos o termo roubo, provamos que fomos roubados e fizemos um gibi, o "João Ferrador", que contava a história e incentivava o pessoal a ir ao Sindicato".

A reação dos operários talvez tenha sido maior do que a esperada por seus próprios líderes. Alguns deles, literalmente, chegaram a tomar um susto: "Antes da luta pela reposição, foi convocada uma assembleia da nossa categoria e compareceram somente 15 pessoas. Quando estourou a luta, fizemos ou-

tra e apareceram 480 pessoas", diz Feliciano Fernandes, membro da oposição do Sindicato dos Trabalhadores de Papel e Celulose de São Paulo. Isto indica que, mesmo nas fábricas, o assunto é a reposição: "Quando tem um elemento da oposição sindical na fábrica, eles falam: o que vocês estão fazendo? Vocês têm que forçar a barra nisto daí". Mais um indicio: em abril, a assembleia pela reposição salarial dos metalúrgicos de São Bernardo reuniu três mil pessoas. Quando essa luta se estendeu para a cidade vizinha de Santo André, o sindicato local conseguiu reunir cinco mil operários numa assembleia.

Dialogar com os patrões?

A surpresa daqueles que se ocupavam dos sindicatos há anos, sem torná-los em instrumento de defesa da própria classe, deve ter sido maior do que a sentida pelas oposições sindicais. Joaquim Andrade, presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo, por exemplo, optou por mover uma Ação Popular contra o Governo, responsabilizando-o pela perda dos salários. Mas foi contestado pela oposição.

"O nosso objetivo, diz um membro da oposição metalúrgica, é que haja uma negociação livre entre operários e patrões. O dinheiro desta defraudação está no bolso dos

patrões e se a gente move uma Ação Popular o movimento fica diluído e o assunto vai morrer na Justiça, sem que a classe fique esclarecida".

Negociar diretamente com os empresários passa a ser a forma mais adequada, não tanto pela ilusão dos resultados: "tem dias que, depois de conversar com a classe empresarial, a gente fica cheio de tanto cinismo. Depois de anos ganhando dinheiro só em cima da gente, você vai conversar com os empresários e eles dizem, com muito cinismo, que não estão ganhando nada com os 34 por cento que perdemos". O depoimento de "Lula" indica que a tática do diálogo visa muito mais a romper com a camisa de força da política de arrocho salarial. Para os que defendem esta caminho, mesmo que não se consiga grandes vitórias, os trabalhadores podem exercer o seu poder de barganha, ou mesmo ir à greve, na hipótese de a reposição salarial ser homologada pela Justiça e o acordo não ser cumprido pela classe empresarial.

Pôncio Pilatos

Como Pôncio Pilatos, o Governo lava as mãos diante do caso. Não tem nada contra o diálogo entre empresários e trabalhadores. Impõe somente uma restrição: os empregadores que, por conta própria, quiserem repor os 34 por cento, não podem repassar o aumento para o pre-



As antigas e monótonas assembleias operárias ganharam calor e passaram a ter um sentido além da mera formalidade do ritual das campanhas salariais.

ço do produto. Neste jogo de empurra-empurra, a neutralidade governamental é falsa.

"Tenho denunciado que o Governo tomou uma posição gosada. A primeira coisa que fez foi tutelar o empresário. Em nenhum pronunciamento as autoridades da área econômica disseram que o Governo ia dar a reposição salarial. No começo, não permitiu a conversa direta com os empresários. Em instante algum pedimos a reposição ao Governo, pois quem tem que dá-la é o empresário", diz o presidente do Sindicato de São Bernardo, acrescentando em seguida que o repasse é "uma briga entre o empresário e o Governo e não da classe trabalhadora: seria até inocência nossa exigir os 34 por cento e permitir que as empresas os repassassem para os preços. O nosso salário ia ficar na mesma. As autoridades governamentais deveriam se preocupar em controlar o custo de vida e deixar de controlar os salários".

Mobilizar é o que importa

Mesmo com a insistência do Governo em manter intocável sua política salarial e com a negativa dos empresários de tocar em seus lucros, as lideranças operárias já se sentem parcialmente recompensadas. "A luta pela reposição salarial já pegou no breu", diz um operário. Ou seja, ninguém a segura mais. O espírito é de continuar a luta: "prá mim, a luta já deu muita coisa, mas não deu tudo o que eu me propus a fazer. Vamos brigar, sei lá se mais um, dois, quatro ou cinco meses. Só não vamos esquecer os 34 por cento a que temos direito", diz Luis Inácio.

A sensação da vitória justifica-se: "A questão fundamental da reposi-

ção é a mobilização dos trabalhadores, porque é lutando que os operários começam a se temperar." O calor das palavras deste metalúrgico pode ser melhor entendida a partir da declaração do presidente do Sindicato de São Bernardo.

"Quero deixar claro à classe trabalhadora que nós não vamos parar com a nossa briga. Não é a antecipação salarial que deve fazer com que os operários esqueçam a causa muito maior: a liberdade sindical, a própria liberdade dos trabalhadores. Nós precisamos por fim a um monte de coisas: ao Fundo de Ga-

rantia, à rotatividade da mão-de-obra. Precisamos fazer as autoridades entenderem, de uma vez por todas, que a greve não é sinônimo de bagunça, mas sim de consciência. Temos que lutar incansavelmente pela revogação da Lei 4.330, a Lei do Arrocho, implantada pelas próprias empresas. Desde 1965 existe a política salarial, que era para durar apenas três anos. Gostaram, e ela já está aí há 13 anos. O trabalhador está lutando para continuar sobrevivendo, para poder continuar produzindo". (Reportagem: Carlos Savério, Eduardo Fernandes e Flávia Rezende)



Lula: precisando de uma conquista, como o Corinthians.

O caso Michel Frank

O detetive Jamil Warwar, da decadente Delegacia de Homicídios do Rio, precisou de apenas quatro dias de investigações para descobrir quem eram os assassinos de Cláudia Lessin Rodrigues, de 21 anos, cujo corpo nu foi encontrado nos penhascos da Av. Niemeyer, na manhã de 25 de julho.

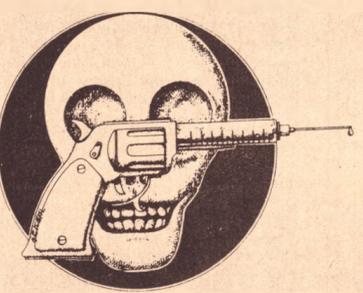
Bastou a Jamil seguir à risca a rotina policial, começando por "reconstituir os últimos passos de Cláudia e a mecânica do evento", para concluir quem eram os criminosos: Michel Albert Frank, empresário de 26 anos, filho do milionário Egon Frank e George Khour, de 32 anos, um obscuro cabeleiro instalado pelo "jogo-do-bicho" em luxuoso salão do "Hotel Meridien", com a missão de transar a cocaína junto à elite carioca.

A descoberta do crime valeu a Jamil Warwar o afastamento do caso. E o que Jamil fez em quatro dias, os policiais que o substituíram no caso refizeram em trinta longos dias, sem chegar exatamente a nenhuma conclusão.

No momento em que acusou Michel Frank do assassinato de Cláudia, Jamil Warwar fez disparar sem querer a engrenagem bem lubrificada do tráfico de influência. Egon Frank, pai de Michel, tem em suas empresas diretores como Vieira de Melo, procurador do Estado e ex-diretor do Teatro Municipal do Rio de Janeiro; e o almirante Carlos Carvalho Rego. Na polícia carioca há o comentário de que o almirante Carlos Carvalho Rego teria comunicado ao também almirante Faria Lima, governador do Estado, que aquele policial estava incriminando injustamente em um caso de homicídio o filho de seu patrão. É fato que o governador Faria Lima acabou tendo em mãos as fotos ampliadas do cadáver de Cláudia e que, ao constatar as violências sexuais a que Cláudia foi submetida-depois que ela já estava morta - ficou repugnado.

Jamil Warwar pôde apontar Michel e Khour como assassinos de Cláudia, porque eram grandes evidências. A maior de todas: o carro de Michel, a "Brasília" SX-5904, foi vista próximo ao "Chapéu dos Pescadores", na madrugada de segunda-feira, quando o cadáver foi levado para

Que forças são essas que conseguiram transformar um crime de fácil elucidação em intrincado mistério?



Antônio Carlos Kehli

os penhascos da Av. Niemeyer. No pouco tempo de investigação, Jamil concluiu que Michel estava ligado a fornecedores de tóxicos do Grajaú e que Cláudia fora morta no domingo à tarde, não no apartamento de Michel, mas próximo ao lugar onde o cadáver foi encontrado, na manhã de segunda-feira, 25 de julho. Na quinta-feira daquela semana, Jamil sentiu que fechara o cerco e, não contendo seu entusiasmo, comentou com o gerente da imobiliária de Michel: "Seu patrão é o criminoso".

Michel e Khour já tinham uma história pronta: Cláudia fora ao apartamento de Michel, na noite de sábado, 23 de julho, encontrou-os jogando cartas, deu alguns telefonemas, recebeu uma chamada e saiu, sem dizer para onde ia, nem quem havia ligado. O resto era fácil deduzir. Moça meio livre, psicologicamente abalada, Cláudia teria tomado uma carona ao sair da casa de Michel. E quem lhe deu a carona era um maníaco.

Naquela quinta-feira, em que o policial comentou que havia solucionado o crime, Michel e Khour foram avisados. E tomaram providências.

Contrataram advogados famosos - Evaristo de Moraes Filho e George Tavares - e recorreram a um catadático de Patologia - Domingos de Paola. Numa reunião, na noite daquela quinta-feira, Michel tirou da manga uma outra história, fantástica, que os laudos do Instituto Médico Legal depois desmentiram: Cláudia morrera em seu apartamento, sim. Mas por forte ingestão de drogas. Quando o IML revelou que ela morreu por esganadura, os advogados e o patologista deixaram o caso. Michel e Khour recorreram a um novo advogado, Wilson Lopes dos Santos, e se apresentaram à polícia sustentando que nada tinham a ver com o crime. Mas, trabalhando para a revista "Veja", eu e Amicucci Galo conseguimos descobrir a existência de Domingos de Paola. E o patologista contou em entrevista o que ouvira de Michel.

Investigações na área federal revelaram que Michel e Khour estavam ligados a uma rede de traficantes de drogas e que Cláudia não morreu acidentalmente. Ela foi executada pela organização, talvez porque soubesse demais. E o IML comprovou o resto: a falta de ferimentos na pele e de fraturas são provas de que o corpo de Cláudia não foi jogado nos penhascos da Av. Niemeyer, mas sim colocado ali. Aos traficantes, interessava a "ocultação forjada", ou seja, que Cláudia fosse logo encontrada, para que o crime, atribuído a um maníaco, jamais se vinculasse à rede de traficantes.

Michel fugiu do país, como seu pai Egon Frank prometeu que ele faria se continuassem acusando-o. E sublinhou a ameaça: "O Brasil tem 8 mil quilômetros de fronteiras". Há uma certeza por parte de agentes federais: Michel saiu por onde a droga costuma entrar. E ajudado por traficantes.

Afastado do caso, transferido de repartição, Jamil Warwar investigou por conta própria o relacionamento da morte de Cláudia com o tráfico de cocaína. Quando sentiu que era absurdo o promotor Cruz Ribeiro continuar a sustentar que o crime acontecerá durante uma orgia movida a cocaína, "Mandrix" e vinho, Jamil Warwar saiu do silêncio e concedeu entrevistas. E novamente foi punido, desta vez com uma suspensão de 15 dias, por um sistema que não quer aceitar o que as investigações do detetive revelaram.

Lúiz Valério Meinel

Dois pesos e duas medidas

Comprovadamente, os dados oficiais referentes ao aumento do custo de vida em 1973 e 1974 ficaram bem abaixo da realidade. O Governo reconheceu este fato mas nem por isso está disposto a permitir que o erro seja corrigido, apresentando, basicamente, dois argumentos contra a reposição salarial. 1º argumento: **os salários tiveram um aumento menor do que o custo de vida em 1973 e 1974 mas, em 1975, esta distorção foi corrigida.** O problema está em que o aumento salarial concedido em 1975 (12,37% superior ao índice de aumento do custo de vida, segundo o Ministério do Trabalho) não foi suficiente para cobrir a perda do poder aquisitivo do salário nos dois anos anteriores. Isto sem falar das perdas sucessivas desde 1961, que fizeram com que hoje o salário mínimo seja 89,53% inferior ao índice de aumento do custo de vida.

2º argumento: **um aumento nos salários provocaria inflação, prejudicando portanto os próprios assalariados.** A participação dos salários no valor da produção no Brasil é de aproximadamente 10 por cento (dados do IBGE). Isto significa que um aumento de 60 por cento, para todos os assalariados industriais, provocaria apenas um acréscimo de 6 por cento no valor da produção industrial. Portanto, é absolutamente falso o argumento de que a elevação salarial provocaria fortes pressões inflacionárias. Ainda mais ao se levar em conta o fato de que, em 1974, os empresários do setor de construção civil puderam aumentar seus preços desde que foi provada a distorção dos dados que serviam de base para o reajuste de preços deste setor. Isto é, um relatório reservado, elaborado por técnicos da Fundação Getúlio Vargas, mostrou que desde 1969 os índices oficiais eram menores do que o aumento real dos preços. Em 1973, por exemplo, o índice oficial fora de 21 por cento, enquanto os novos cálculos indicavam que na realidade, o aumento teria sido de 41 por cento. **Conclusão:** provado o erro, o reajuste foi imediatamente concedido, **no caso dos empresários.** Mas quando chegou a vez dos trabalhadores a conversa foi outra. Por quê dois pesos e duas medidas?